

A Mística da Ortografia em *Mensagem*: Mito Desfeito? Análise do Poema “Os Castellos”, de Fernando Pessoa

Alciel Socorro

Fernando Pessoa é considerado por muitos um poeta místico- esotérico [Luna 6; Pessoa, Seabra 262]. Para alguns, *Mensagem* (1934), seu único livro de poesia portuguesa publicado em vida [Pessoa, Galhoz 9] é um livro de poemas estruturados com uma intencionalidade simbólico-esotérica [Pessoa, Seabra 238]. Também se atribui a Fernando Pessoa o conhecimento de práticas ocultistas, como a astrologia [Pessoa, Galhoz 59; Pessoa, Seabra 262], que viriam a transbordar na sua obra poética: afirma-se que muitos de seus poemas possuem chaves místicas para sua interpretação [Neves, citado por Luna 6] seguindo, justamente, os prováveis conhecimentos ocultistas do autor.

Dentre os aspectos considerados místicos da poesia de *Mensagem*, ademais da temática e da organização, encontra-se supostamente a ortografia, considerada “arcaizante” e “misteriosa” [Pessoa, Seabra 298], e também portadora de significados ocultos [Luna 18]. Estes talvez sejam motivos pelos quais as edições posteriores do livro não tiveram sua ortografia alterada segundo as normas ortográficas de cada período [Pessoa, Seabra XLII], estando as palavras grafadas exatamente conforme a primeira edição, que foi revisada pelo autor antes da publicação [Pessoa, Galhoz 9].

Esse suposto significado oculto existente na ortografia de *Mensagem*, no entanto, pode ser facilmente refutado com base na análise de dicionários da época em que Fernando Pessoa (e também seus pais) foi alfabetizado, e à luz da pluralidade de línguas conhecidas pelo autor - inglês, português e francês, pelo menos [Pessoa, Galhoz 61-3], o que pode ter ocasionado interferência da ortografia de um idioma nos outros, tendo em vista as similaridades entre alguns deles, conforme possibilidade indicada por Fialho [1], mais precisamente a interferência entre o francês, presença marcante nos anos escolares iniciais do poeta [Pessoa, Galhoz 61] e o português, sua língua materna, mas também o inglês, língua que se fez fortemente presente na vida do autor.

Dada a extensão reduzida do espaço existente aqui para se expor tal assunto, far-se-á a análise focada na ortografia utilizada por Pessoa em “Os Castellos”, primeiro poema da primeira parte do livro *Mensagem*, ficando a cargo de um trabalho posterior, ou do próprio leitor, verificar a consistência da hipótese de interferência entre línguas para os demais poemas da mesma obra, segundo essa

metodologia inicial, que, longe de querer diminuir ou esgotar um aspecto da obra de Pessoa, tentará expor uma hipótese suplementar sobre um tema que tem causado controvérsias. Sobre este poeta, conforme já notado, “Sua obra é de uma complexidade e de uma fixidez que dificultam qualquer interpretação garantida e certa” [Pessoa; Galhoz 37]. É à luz dessa última citação que o resultado do presente estudo deve ser considerado.

Fernando António de Nogueira Pessoa, poeta português, nascido em Lisboa a 13 de junho de 1888, e morto no mesmo lugar em 1935 [Pessoa, Galhoz 61], é considerado um dos mais importantes poetas portugueses, tendo sua genialidade comparada inclusive à de Camões [Pessoa, Seabra 269]. Por razões ligadas a sua biografia, o universo linguístico de Fernando Pessoa era bastante diversificado: sua língua materna era o português (nacionalidade de seus pais), mas foi educado na África do Sul (onde seu padrasto exercia funções diplomáticas) em inglês, tendo sido premiado por seu desempenho nesta língua nos anos escolares (Prêmio Rainha Vitória, 1902). Também se destacou na língua francesa, tendo recebido menção honrosa devido ao seu desempenho neste idioma na escola elementar, em 1900 [Pessoa, Galhoz 63]. A partir daí fica fácil compreender porque Pessoa pôde escrever poemas em inglês, português e francês [Pessoa, Galhoz 71-629]: tais línguas faziam parte do seu repertório cultural e eram dominadas por ele.

Além desse conhecimento de múltiplos idiomas, Fernando Pessoa também foi conhecido por sua relação com as ciências ocultas, em especial a astrologia [Pessoa, Seabra 364; Pessoa, Galhoz 59]. Estes conhecimentos e sua ligação com eles é o que talvez tenha trazido tantos questionamentos em torno dos simbolismos dentro de sua obra, especialmente *Mensagem*: uma vez que Fernando Pessoa era místico, não teria ele inculcado nos seus poemas parte desse misticismo, através de simbolismos exotéricos e ocultos? Um comentário avulso escrito supostamente por Fernando Pessoa, não assinado, que a tradição tem feito publicar como nota preliminar do livro *Mensagem*, em que ele explica o processo de entendimento dos símbolos e dos rituais por parte de um intérprete, abre as portas para uma busca concreta de um simbolismo oculto na sua poesia: “O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos; e ele um morto para eles.” [Pessoa, Galhoz 69]. No entanto, tal comentário não foi inserido pelo poeta na primeira edição do volume de *Mensagem* que ele fez editar, e a relação entre tal documento e o livro apareceu tardiamente por opinião de outros editores, fato que, se não põe à prova completamente, pelo menos enfraquece a idéia de que o poeta “escondeu” algo místico em seu livro que seria função do leitor interpretar.

O poema que servirá de base para este estudo do suposto misticismo na ortografia do livro *Mensagem* é o seguinte [Pessoa, Galhoz 71]
Primeiro/ “Os Castellos”

A Europa jaz, posta nos **cotovellos**:
De Oriente a **Occidente** jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos **cabellos**
Olhos gregos, lembrando.

O **cotovello** esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquella diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se **appoia** o rosto.

Fita, com olhar **sphyngico** e fatal,
O **Occidente**, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

Estão em negrito as palavras que serão analisadas nas seções seguintes, e assim o serão por terem tido sua ortografia considerada estranha segundo um padrão subjetivo daquilo que se tem como normativo (ou quase normativo) hoje, não sendo este tipo de notação (em negrito) algo presente na obra original. Assim, por razões didáticas estão postas tais palavras em negrito neste trabalho: para que o leitor, a este ponto, possa compará-las com os padrões ortográficos de sua época e de sua educação e comece a formar uma opinião. A pergunta que deve ficar é a seguinte: se a ortografia é tão diferente daquela que se acredita ser a normativa, por que o fez o poeta?

O simbolismo em *Mensagem* pode ser avaliado sobre diversos prismas: desde a divisão do livro, os títulos dos poemas e sua sucessão, até a ortografia, que em alguns pontos é considerada “misteriosa e arcaizante” e portadora de um valor simbólico que não deve ser suprimido “pela adaptação da ortografia em edições posteriores” [Pessoa, Seabra 298].

Tal valor simbólico da ortografia “latinizante”, algumas vezes incomum, é considerado uma forma de tornar o texto de *Mensagem* atemporal, em uma escolha deliberada do autor: “Fernando Pessoa optara deliberadamente por uma ortografia antiquada... Fê-lo com toda a consciência, e por motivos que lhe pareciam válidos, atento, sobretudo ao que nesse livro se prende ao passado, e de passado se nutre e se reclama”. [Mourão-Ferreira, citado por Pessoa, Seabra 298].

O estudo de Jayro Luna, por sua vez, define a ortografia incomum de Fernando Pessoa como uma forma deliberada de garantir o simbolismo numerológico dos seus poemas, acrescentando a eles uma dimensão a mais de

sentido [1-121]. Através de um sistema que converte cada letra em um número (tabela pitagórica, figura 1), Jayro Luna realizou uma análise numerológica de cada uma das palavras e partes do poema. Nesta análise, cada letra de uma palavra é convertida em um número segundo a tabela pitagórica (pontuação, acentos e outros sinais diacríticos não apresentam significado), e os números de cada letra de uma palavra são somados para se obter um resultado final que é considerado o número da palavra. Esse número ainda pode ser reduzido, somando-se seus algarismos até que o resultado tenha apenas um algarismo ($11 \rightarrow 1+1=2$; $13 \rightarrow 1+3=4$).

1	2	3	4	5	6	7	8	9
A	B	C	D	E	F	G	H	I
J	K	L	M	N	O	P	Q	R
S	T	U	V	W	X	Y	Z	&

Figura 1: Tabela Pitagórica utilizada em Numerologia

É assim que, por exemplo, descobrimos que o número de Portugal é igual a 38, pois $(P=7) + (O=6) + (R=9) + (T=2) + (U=3) + (G=7) + (A=1) + (L=3) = 38$. Este número ainda pode ser reduzido pela soma dos seus algarismos ($3+8=11$ ou ainda $1+1=2$). Estas relações numéricas são usadas por Luna para justificar, por exemplo, porque se escrevem *cabellos* e *cotovellos* no primeiro poema da primeira parte de *Mensagem*, “Os Castellos”, ao invés de se escreverem *cabelos* e *cotovelos*: Castellos com LL duplo soma 25 e com L simples dá 22. Existem no poema outras três palavras em que o L foi dobrado: *cotovellos* (também aparece no singular) e *cabellos*. *Cotovellos* passou de 35 para 38 com a duplicação, *cabellos* de 21 para 24 e *aquelle*, que passa de 25 para 28. ‘A Europa jaz posta nos cotovellos’. *Europa* tem um valor final 4, isto quer dizer que a ‘Europa jaz posta’ em si mesma, nos seus próprios *cotovelos*. Mas ao mudar para 38 o valor de ‘cotovellos’, 38 é a soma de Portugal, agora o sentido é outro: a Europa está posta sob os castelos portugueses.[18]

Usando o mesmo sistema, Jayro Luna continua sua interpretação numerológica:

Ainda existem no poema outras duas palavras com letras dobradas: ‘apóia’ (A mão sustenta, em que se apoia o rosto‘). Apóia tem soma 24, mas com PP dobrado passa a valer 31. A mão que apóia o rosto (Portugal) é a Inglaterra (51). A união da mão que _apoia‘ com a mão que tolda os ‘cabellos’ dá 55 (31+24). A soma da década (1+2+3+4+5+6+7+8+9+10) dá igual valor. E 55 são os besantes ou dinheiros que foram inscritos na bandeira do primeiro rei português, D. Afonso Henriques. [19]

Pouco mais adiante ele chega àquela que talvez seja a palavra com a ortografia mais mirabolante:

“Por fim a palavra ‘sphyngico’ tem uma ortografia bem alterada. Assim como está na ortografia da edição original temos o valor 51. O poema diz que o ‘o rosto que fita é Portugal’ e que ‘Fita com olho sphyngico e fatal, O Occidente, futuro do passado’ Aqui, FP transpõe o valor da Inglaterra (o grande império colonizador do século XIX e início do século XX) para o ‘rosto de Portugal’.” [19-20]

A indicação de que a ortografia fora corrompida por Fernando Pessoa deliberadamente com finalidades simbólicas fica clara nos casos citados anteriormente. No livro de Seabra lemos que foi intencional tal ação para posicionar a alma do poeta no passado português, enquanto era nutrido pelas lembranças de uma época insufladora de orgulho nacionalista, algo que está presente na temática do poema, enquanto que em Luna identificamos a execução de uma prática numerológica bastante conhecida como intenção de Pessoa em estabelecer um simbolismo geopolítico capaz de demonstrar suas opiniões sobre a realidade histórica portuguesa de forma velada.

Estas posições parecem sugerir haver um esforço do autor em construir algo com sua escrita distinto daquilo que normalmente se esperaria dela, usando-a como um símbolo capaz de comunicar uma dimensão desconhecida e oculta, algo que poderia ser atribuído, justamente, aos conhecimentos místicos ou à simples genialidade do autor.

Opiniões à parte, de que a ortografia incomum de Pessoa fosse resultado de um esforço deliberado para acrescentar uma dimensão mística ou oculta em seus poemas de *Mensagem*, a grande verdade é que o mesmo padrão de ortografia se vê em uma carta pessoal a Adolfo Casais Monteiro, datada de 20 de janeiro de 1935 [Blanco, Monteiro ?] e provavelmente em outras da mesma coletânea, em que se lêem, por exemplo:

- a) “ao sabor da conversa mental que estava tendo **comsigo**”
- b) “Respondo com **egual** espontaneidade, e portanto falta de **method**”
- c) “Mas, **emfim**, qualquer coisa respond”
- d) “em que congregue a vasta extensão **autonyma** do Fernando Pessoa”

f) “E então v. terá os dados **suficientes**: esse livro, a faceta subsidiária representada pela *Mensagem*, e o bastante, já publicado, dos **heteronymos**.”

g) “**suppondo** que em mim haja qualquer coisa **tam** contornada como um conjuncto.”

h) “Não sou, porém, limitado a esse sorriso das **letras**”.

Nesta lista, as palavras em negrito foram aquelas consideradas por nós como de ortografia “arcaica”, baseado em um juízo subjetivo baseado na ortografia atual, exatamente como fizemos quando enunciamos o poema em estudo neste trabalho. Agora, a pergunta seria: também estaria Fernando Pessoa focado em estabelecer um simbolismo mágico até na ortografia de suas cartas pessoais?

Parece-nos que não. A presença desta ortografia, considerada —arcaizante|| numa carta pessoal parece indicar que essa era a forma na qual Fernando Pessoa escrevia normalmente. Sua ortografia era naturalmente aquela que se lê em *Mensagem* e na carta pessoal mencionada. Nada há de deliberado com a intenção de ser algo simbólico, ao contrário do que lemos nos comentários citados anteriormente. A demonstração disso caberá à análise feita na seção que se segue.

6- A Ortografia na Época de Alfabetização de Fernando Pessoa.

Independente das reformas ortográficas ocorridas na Língua Portuguesa no decorrer dos anos, parece natural que um sujeito siga escrevendo da maneira em que foi alfabetizado, refletindo, além disso, a ortografia presente nos livros que lê, ainda que mudanças tenham sido feitas oficialmente. A transposição de uma ortografia a outra deve levar um certo número de anos, e a substituição mental da mesma ortografia também. Tal posição está conforme, por exemplo, com a de José Saramago, que, quando indagado a cerca da reforma ortográfica da Língua Portuguesa de 2009, declarou: “Vou continuar a escrever como escrevo hoje.” [Oliveira, Magalhães 1].

Suponhamos, agora, que Fernando Pessoa, da mesma forma que Saramago afirmou que faria, tivesse continuado a escrever da forma em que havia sido alfabetizado, apesar da reforma ortográfica da Língua Portuguesa em 1911 [Oliveira, Magalhães 1]. Parece razoável que ele continuasse a escrever de forma compatível com aquela de antes de tal reforma de 1911, fato que se deu quando ele tinha já mais de 20 anos e já estava bastante estabelecido no ofício da escrita em língua portuguesa.

Para confirmar essa hipótese, consultou-se um dicionário da época ligeiramente anterior a 1911, o ano da reforma ortográfica contemporânea ao

poeta: o *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza Feito Sobre um Plano Inteiramente Novo*, de Francisco J. Caldas Aulete e Antonio L. dos Santos Valente, 1ª Edição, de 1881. A contar que Fernando Pessoa nasceu em 1888, e a reforma ortográfica ocorreu em 1911, é fácil perceber que o poeta cresceu sob a égide da ortografia em voga descrita em tal dicionário, nesta edição. Assim, conferir a ortografia de *Mensagem* à luz de tal dicionário pode nos fornecer alguma informação importante a cerca do que é digno de nota na variante ortográfica de Fernando Pessoa, o que é simplesmente um fenômeno natural de uso da ortografia na qual ele fora alfabetizado. Este assunto será desenvolvido na seção seguinte com o primeiro poema do livro já mencionado.

A ortografia de cada uma das palavras que compõem “Os Castellos”, primeiro poema da primeira parte do livro *Mensagem*, foi verificada à luz do dicionário de Aulete Caldas e Antonio Valente, de 1881. São dignas de nota as palavras que diferem da nossa ortografia mais recente de uma maneira significativa e que foram consideradas como representantes da ortografia oficial da época (ou seja, que normalmente se utilizava). São elas (seguidas da página do referido dicionário em que foram encontradas, grafadas exatamente como no poema):

- a) Castello [299]
- b) Cotovello [418]
- c) Occidente [1245]
- d) Cabello [254]
- e) Angulo [97]
- f) Aquelle [127].

Assim, pelo menos no que tange às palavras mencionadas acima, nada de latinismos ou itens arcaicos foram encontrados. O que se vê são apenas as palavras escritas da forma estabelecida pela ortografia oficial na época em que Fernando Pessoa cresceu e foi alfabetizado. Esta maneira é diferente daquela em voga quando da publicação dos poemas de Fernando Pessoa justamente porque houve uma reforma ortográfica em 1911. Assim, ao menos no que tange às palavras citadas anteriormente, as afirmações feitas por Seabra e Luna parecem não se sustentar. Nada há de arcaizante na escrita, e tampouco de deliberadamente místico. As letras dobradas, o jeito aparentemente antigo, apenas refletem a forma que o autor foi alfabetizado e praticou seus primeiros anos na língua portuguesa, o que entra em choque com o universo ortográfico daqueles que nasceram e viveram sob uma outra ortografia mais recente. A existência do mesmo padrão ortográfico na carta pessoal mencionada ajuda, justamente, a sustentar com mais força tal hipótese: a maneira aparentemente arcaica era a forma natural de Fernando Pessoa escrever devido à ortografia vigente na época de sua alfabetização. Nada há de arcaico, portanto. Tal escrita chama a atenção provavelmente porque foi a única do

tipo mantida sem atualização na maioria das coletâneas de poemas de Fernando Pessoa nas várias edições que ocorreram depois da sua morte, justamente talvez para preservar a forma com a qual o autor se havia feito publicar, como uma memória de que *Mensagem* fora o único livro que passara em vias de publicação pelas mãos do autor em vida, um sinal de respeito e honra a sua memória [Pessoa, Galhoz 9].

Assim, a grande maioria das palavras em “Os Castellos” com grafia considerada estranha por um leitor mais recente era a forma normal de se escrever na época da alfabetização de Pessoa, o que se pôde confirmar pela pesquisa no referido dicionário. Apesar disso, faltam na lista já mencionada duas palavras com ortografia distinta das normas mais recentes, mas que não foram encontradas na pesquisa anterior. São elas *appoia* e *sphyngico*. Essas duas palavras, ao menos por enquanto, poderiam estar sujeitas aos juízos de ordem simbólica já discutidos, uma vez que suas ortografias oficiais na época de nascimento e juventude de Fernando Pessoa eram diferentes daquelas que se lêem no poema em estudo: *apoiar* [Aulete, Valente 116] e *esphinge* [Aulete, Valente 682].

A hipótese de que Fernando Pessoa estivesse usando uma ortografia arcaica e latinizante propositadamente [Pessoa, Seabra 298] pode sugerir que estivesse na antiguidade das palavras a explicação para as diferenças de ortografia. Para testar essa hipótese, usamos o dicionário: *Vocabulário Portuguez – Latino a El-Rey de Portugal: Don João V*, de 1713, escrito pelo padre Raphael Bluteau, livro que é considerado talvez um dos mais antigos dicionários da Língua Portuguesa. Para checar a ortografia de *appoia* e de *sphyngico*, no referido dicionário encontraram-se *apoiar*, que também se grafava *apoyar*, e *esphinge*. Nada justifica, segundo tal manual ortográfico, o uso de um *p* duplicado (*pp*) em *appoia* ou de um *y* em *sphyngico*. A explicação para a ortografia dessas duas palavras não remonta, portanto, à sua antiguidade sugerindo um deslocamento para o passado da voz poética.

Sob a hipótese de latinização [Pessoa, Seabra 298], por um tipo de referência etimológica, consultou-se o Dicionário *Etimológico da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes. Segundo este dicionário, *apoiar* tem sua origem no vocábulo latino *appodiare* e no francês *appuyer*. Vemos nestas duas origens a presença do *p* duplicado, o que justifica a idéia de uma latinização da palavra *appoia* com a duplicação do *p*. No mesmo dicionário, *esfinge* se origina do vocábulo latino *sphinge*, fato que justifica a letra *s* impura de *sphyngico*, mas que não é capaz de explicar o porquê do uso de *y*. Aliás, o uso da letra *s* em *sphyngico* também pode ser considerado como uma exigência da métrica, já que a ausência de vogal no início da palavra estabeleceu no verso onde se situa uma métrica de dez sílabas

poéticas, identicamente à maioria dos versos anteriores do mesmo poema. No entanto, o uso de *y* em *sphyngico* não se justifica, nem pela etimologia latina, nem por qualquer finalidade prática da métrica.

Assim, continuamos com um problema: como justificar o uso de *y* em *sphyngico*, se nem os dicionários antigos, nem a etimologia da palavra permitem tal ortografia? A resposta a esta pergunta poderia estar na origem etimológica, talvez francesa, de *apoiá*, grafado *appoia* no poema em questão. Se esta palavra foi produzida com esta ortografia (*p* duplicado) não deliberadamente, mas apenas por um acidente de ortografia de um poeta que escrevia em francês, e que talvez tenha sido avançado nessa língua até primeiro que em português, sua língua materna (o que se faz crer ao ler sua biografia), o mesmo fenômeno poderia ter se passado com a palavra *sphyngico*. Como já mencionamos, tal interferência de uma língua em outra no caso de semelhança que existe entre português e francês (duas línguas neolatinas) é possível, e foi apontado por Vanessa Fialho [1] para o par português-espanhol. Pela semelhança existente entre dois idiomas é que seria possível que os sistemas fonéticos e ortográficos de um pudessem se sobrepor incidentalmente aos outros no falante bilíngue. Mesmo o inglês, língua na qual Pessoa foi educado, comparte com o português muitos cognatos, especialmente de origem latina, e poderia causar alguma sorte de interferência na ortografia de Pessoa, uma vez que àquela altura, como já verificamos pela análise do dicionário de Aulete, a língua portuguesa era bem menos fonética que atualmente.

Para checar a hipótese de interferência da língua francesa na ortografia de Fernando Pessoa, consultou-se o dicionário francês: *Dictionnaire de la Langue Française de Emile Littré*, Amédée Beaujean e Emile Littré, de 1958 e em seguida o dicionário enciclopédico francês *Encyclopédie du bon français dans l'usage contemporain; difficultés, subtilités, complexités, singularités*, P. Dupré, de 1972. Os resultados dessa análise encontram-se na seção que se segue. Para verificar a possibilidade de interferência do inglês, uma das palavras em questão também foi verificada à luz do dicionário Oxford, da editora da Universidade de Oxford, em sua versão *online*.

Estudando o dicionário de Littré encontramos ocorrências para *appuyer*, [Beaujean, Littré 68] com *p* duplicado exatamente como notado pelo dicionário etimológico de Nascentes, mas nada esclarecedor sobre *sphyngico*, que aparece em seu substantivo original (equivalente a esfinge) grafado *sphinx* [Beaujeau, Littré 1165].

Ainda que pudéssemos admitir uma interferência da ortografia francesa na escrita de *appoia*, por causa do verbo francês *appuyer*, até então não poderíamos admitir o *y* de *sphyngico* como oriundo de uma interferência do francês, já que nesta língua esta mesma palavra se grafa com *i*, e não *y*, fato que soa como uma

pequena decepção diante da tese deste trabalho. Assim, a hipótese mística para a ortografia de *sphyngico* ainda poderia ser considerada [Luna 19, 20], e o mesmo é válido para a hipótese de “arcaização” proposital [Pessoa, Seabra 298]. No entanto, o estudo do dicionário enciclopédico de Dupré trouxe uma luz ao permanente questionamento:

sphinx: variante sphinge.” e “L’insupportable manie qu’ont les écrivains d’orthographies sphynx pour sphinx, parce que ça fait plus grec. [Thérive, A. citado por Dupré 1546].

Ou seja, segundo este autor, citando palavras de Thérive, parece um erro ortográfico insuportável a mania que os escritores têm de escrever *sphynx* (com y) no lugar de *sphinx*. Ou seja, descobrimos de onde vem o y: de um erro comum dos escritores franceses. Para que Thérive declarasse tal sentença desta forma provavelmente ele tivesse visto essa ortografia em um grande número de livros franceses, o que nos faz pensar que Fernando Pessoa já tivesse visto *sphynx* ou mesmo até *sphyngé* nas suas leituras feitas em francês. Considerando que tal erro fosse uma —manial [Dupré 1546], provavelmente era *sphynx* que se lia em grande parte dos livros, destarte orientação contrária do dicionário [Beaujean, Littré 1165; Dupré 1546]. Essa ortografia supostamente comum em livros franceses para *sphinx* pode ter causado interferência na escrita em língua portuguesa de Fernando Pessoa, fazendo-o escrever *sphyngico* no lugar de *sphíngico*.

Ademais a explicação do francês (e talvez até justificando as palavras de Thérive), a consulta da palavra *sphynx* no dicionário inglês *Oxford online* forneceu *sphynx* como uma variante ortográfica possível de *sphinx*, como em francês: “Pl. sphinges (sfndiz), sphinxes. Also 5 spynx, 7-8 (9) sphynx.” Assim, seja por interferência do francês, seja por interferência do inglês, a grafia de *sphyngico* em Pessoa pode ser justificada. E como sabemos, a educação de Pessoa foi majoritariamente realizada em inglês, ocupando este idioma talvez posição muito semelhante a uma língua materna.

Foram apresentadas e discutidas opiniões a cerca do aparente simbolismo existente nas discrepâncias ortográficas de Fernando Pessoa em seu poema “Os Castellos” do livro *Mensagem*, o qual tem justificado a manutenção da ortografia original deste livro mesmo nas edições posteriores, em realidades em que a ortografia de língua portuguesa já foi modificada. Tais discrepâncias parecem estar presentes em todo o livro *Mensagem*, mas foram encontradas similarmente em escrita pessoal do autor, o que pode indicar que o processo era feito por motivos naturais e não deliberadamente para comunicar alguma dimensão simbólica.

Foram apontadas as circunstâncias ortográficas presentes na época da possível alfabetização de Fernando Pessoa em língua portuguesa, e mostrou-se que há uma compatibilidade muito grande desta ortografia com aquela que se lê tanto em *Mensagem* quanto em correspondência pessoal do autor, o que faz questionar a validade do uso deliberado de uma ortografia aparentemente arcaica com finalidades místico-simbólicas.

Além disso, os dois exemplos que não se encaixaram no modelo ortográfico anterior a 1911, e presente na juventude de Pessoa, as palavras *appoia* (por causa do p dobrado) e *sphyngico* (por causa do y) puderam ser justificados por interferência do idioma francês e do inglês na ortografia em português do poeta, fato que poderá ser atestado ou negado em um estudo mais aprofundado que inclua os demais poemas de *Mensagem*, e mais cartas pessoais e outro tipo de material em ortografia original de Pessoa que esteja disponível.

A concluir então, de forma bastante clara, as anomalias ortográficas de Fernando Pessoa em *Mensagem* nada têm de místico, simbólico ou deliberado. A contar do que se viu em “Os Castellos”, primeiro poema do livro mencionado, sua ortografia apenas reflete aquela da época em que Pessoa foi alfabetizado, e conseqüentemente aquela dos livros com os quais ele conviveu e praticou sua escrita em língua portuguesa. Além disso, a vivência de Pessoa em um ambiente com certa pluralidade de idiomas causou interferências ortográficas de uma língua em outra, mais notavelmente interferência das ortografias francesa e inglesa sobre a ortografia portuguesa.

É evidente, no entanto, que o estudo de um único poema não permite concluir algo em absoluto sobre toda a obra, mas seguramente um trabalho mais detalhado posteriormente tendo como objeto os demais poemas de *Mensagem* trará provavelmente a confirmação consistente dessa hipótese. Até aí, pelo menos, e no tocante ao poema estudado, a hipótese pura e simples de simbolismo na ortografia aparentemente anômala em *Mensagem* não se sustenta.

Referências Bibliográficas

- Aulete, Francisco J. Caldas. Valente, Antonio L. dos Santos. *Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa Feito Sobre um Plano Inteiramente Novo*. Typ. da Parceria A.M. Pereira: Lisboa. 1ª Edição 1881.
- Beaujean, Amédée. Littré, Emile. *Dictionnaire de la Langue Française de Emile Littré*. Editions Universitaires: Paris. 1958.
- Blanco, José. Monteiro, Adolfo. *A Poesia de Fernando Pessoa*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa, 2ª edição. 1985.
- Bluteau, Raphael. Vocabulário Portuguez – Latino a El-Rey de Portugal: Don João V. 1713. Disponível em <http://www.ieb.usp.br/online/dicionarios/Bluteau/imgbluteau.asp>. Acessado em 13 de setembro de 2009.
- Dupré, P. *Encyclopédie du bon français dans l'usage contemporain; difficultés, subtilités, complexités, singularités*. Éditions de Trévise: Paris. 1972
- Fialho, Vanessa. *Proximidade entre línguas: algumas considerações sobre a aquisição do espanhol por falantes nativos de português brasileiro*.
- Espéculo Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid: Madri. 2005. Disponível em <http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/falantes.html>. Acessado em 13 de setembro de 2009.
- Luna, Jayro. *A Chave Exotérica de Mensagem de Fernando Pessoa: Abordagem Numerológica, Astrológica e Cabalística*. Épsilon Volantis: São Paulo. 2005.
- Nascentes, Antenor. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. F. Alves: Rio de Janeiro. 1932.
- Oliveira, Mário. Magalhães, Paulo. *Saramago e o Acordo Ortográfico. Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*. Disponível em <http://www.ciberduvidas.com/controversias.php?rid=1793>. Acessado em 13 de setembro de 2009.
- Oxford University, Online Dictionary. Oxford University Press: Oxford. 2009. Disponível em <http://dictionary.oed.com.eri.lib.byu.edu/entrance.dtl>. Acessado em 15 de setembro de 2009.
- Pessoa, Fernando. Galhoz, Maria. *Obra Poética*. Aguitar: Rio de Janeiro. 1965.
- Pessoa, Fernando. Seabra, José Augusto. *Mensagem: Poemas Esotéricos*. Marco Gráfico, SL: Madrid. 2ª Ed. 1996.